

Agentes (des)construtores ao processo de aprendizagem infantil: análise do fracasso escolar em uma escola rural de Ponta Grossa-PR

Rafael Henrique Mainardes Ferreira (UTFPR)

Eva Lucia Mainardes Ferreira (UEPG)

Andréa Novatzki (UEPG)

Resumo:

O presente trabalho busca apresentar a produção social do fracasso escolar e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem, sendo necessário direcionar as questões aos possíveis geradores desta causa além de compreender como este fenômeno acontece e como influencia na aprendizagem de alunos do Ensino Fundamental considerando, especificamente, o corpo discente de uma escola situada na zona rural da cidade de Ponta Grossa-PR. Após um levantamento aprofundado da literatura pertinente ao assunto, tornou-se possível o mapeamento das principais causas do fracasso escolar na instituição de ensino em voga, além, de analisar a relação dos alunos com os professores, colegas e família, no intuito de obter maior visão sobre os aspectos pessoais e sociais dos alunos em questão - e de suas respectivas personalidades. O trabalho se constrói através de pesquisas qualitativas holísticas, no intuito de aprofundar a visão sobre o contexto na sociedade local, tomando como critérios de pesquisa: entrevistas semiestruturadas gravadas com alguns dos alunos, com suas respectivas professoras, além de visitas domiciliares às famílias destes, numa tentativa de abarcar os diversos contextos familiares das crianças, indagando se a construção do fracasso escolar se dá por conta de fatores internos ou externos da instituição de ensino. As análises dos dados convergem a duas visões existentes sobre o tema: de um lado, o fracasso escolar como algo inerente ao aluno ou à sua família; de outro, como produto multideterminado, incluindo aspectos culturais e sociais, tendo como foco o processo pedagógico vivenciado na escola ou a falta de suporte. Observa-se, também, que alguns professores atribuem o fracasso apenas aos alunos e a causas externas, isentando-se da responsabilidade profissional e minimizando as possibilidades de intervenção para reversão das situações de não aprendizagem.

Palavras-chave: Fracasso escolar; escola rural; aprendizagem infantil.

1. Introdução

Em sentido amplo, o fracasso escolar, segundo Bicudo (2007), permite abarcar uma ampliação expressiva de crianças, adolescentes e jovens que abandonam o ambiente escolar, por diversos fatores. O significado disso é a quebra de progressão nos estudos, o que se traduz nas diferenças sociais e que ficam muito expressas nas classes escolares, sendo as principais características desse fracasso centralizadas na repetência e consequente evasão escolar.

É possível notar a dificuldade com que os alunos chegam ao final do Ensino Fundamental, percebendo, por conseguinte, que a alfabetização nas séries iniciais muitas vezes não é suficiente para fazer com que alguns alunos ultrapassem as barreiras e as dificuldades que encontram pelo caminho, assim como o descaso com que certos professores os tratam, nem sempre dando abertura para que eles se manifestem. Tais experiências podem passar a impressão de que o importante na escola é concluir o conteúdo, mesmo que “atropelando” todo o processo de aprendizagem e direcionando o aluno apenas às principais metas de conteúdos e métodos disciplinares.

Patto (1993) discute a complexidade do fracasso escolar, utilizando o materialismo histórico e dialético como referencial teórico. Para a autora, este fenômeno decorre de acontecimentos que remontam aos primórdios da história brasileira. É necessário conhecer a realidade onde está se produzindo determinado acontecimento, na qual as diferenças de rendimento escolar se fazem presentes entre os estudantes. Sendo assim, o fracasso escolar pode estar associado a múltiplos fatores, entre os quais se permite destacar: questões de ordem social, econômica, política, médicas, entre outras. Por isso, não é justo afirmar que o fracasso escolar ocorra somente em virtude do aluno, de um problema psicológico ou da condição social em que ele vive, pois tal situação deve ser visualizada com o objetivo de compreendê-la nas diversas dimensões em que está presente.

Sendo assim, sabe-se que o desempenho de um aluno vai muito além das carteiras escolares, ultrapassando também os muros da escola, e que esse fenômeno não deve ser estudado de forma segmentada, ou seja, o olhar deve estar direcionado para várias dimensões dentro da sociedade, para que se possa tratar do assunto de forma articulada, buscando possíveis explicações para tal acontecimento e intervenções mais eficientes que superem as histórias do fracasso.

De acordo com Charlot (2000) é indispensável lembrar que o fracasso escolar pode estar relacionado, de alguma forma, às condições econômicas dos alunos e suas famílias. No entanto, este fator não pode ser colocado como definitivo do fracasso, não se pode analisar

usando-se apenas dessa visão, pois ao longo da pesquisa pudemos observar que existem inúmeras causas para desencadear o fracasso escolar, o que podemos destacar é que, as crianças vindas de famílias pobres muitas vezes já são em princípio rotuladas como futuras fracassadas.

Este trabalho, por fim, provoca uma análise do fracasso escolar a partir de uma perspectiva multidimensional, em seus aspectos mais necessários, visando uma melhor compreensão e entendimento do que acontece nas salas de aula, dentro das escolas, e na sociedade vivida pelo corpo discente, abarcando especificamente os fatores influenciáveis em uma escola situada na zona rural do município de Ponta Grossa, no Paraná.

2. Fracasso Escolar: desdobramento, dimensões e explicações

Para melhor compreensão a respeito da formação e difusão do fracasso escolar nas instituições de ensino contemporâneas, deve-se analisar a origem, através dos fatos históricos, desta implicação à sociedade. Patto (1993) enfatiza que, os novos ritmos de trabalho ditados pela Revolução Industrial, que teve seu início no século XVIII, na Inglaterra, trouxeram grandes transformações tecnológicas e novas exigências de formação de sua mão de obra. A revolução tornou os métodos de produção mais eficientes, uma vez que os produtos começaram a ser produzidos com maior rapidez, onde o preço foi decaindo e, conseqüentemente, estimulando o consumo e consolidação do capital. Também o número de desempregados aumentou, pois as máquinas começaram a substituir a mão de obra que antes era humana. As condições de trabalho eram extremamente precárias, os salários pagos aos trabalhadores eram baixos e não existiam direitos trabalhistas. Foi neste cenário econômico e social de relações desiguais de classes que a educação e a escola moderna se constituíram e é nele que surgirá o fenômeno do fracasso escolar. Este movimento histórico-social pode ser analisado de diversas maneiras, que não se esgotariam no espaço deste texto.

Com a ascensão deste modo de produção, tornou-se hegemônica uma visão de homem que diverge da que existia no período medieval. Trata-se da concepção liberal. Para Bock (2000), o novo paradigma era de que agora o homem estava liberto para ser aquilo que as atitudes deles o levassem a ser, independente das situações nas quais os sujeitos estavam inseridos. Bastaria ao homem liberal um verdadeiro empenho para que a ele tudo fosse possível, apesar das condições concretas adversas que se opusessem. É preciso ressaltar que estas ideias foram um avanço em relação ao pensamento medieval de que a história de cada

um estava definida pelo seu nascimento, porém ela também velava a finalidade econômica e política de classe, em que a liberdade do “cidadão” restringia-se à comprar e/ou vender força de trabalho, dependendo da posição que se encontrava nas relações de produção.

A consequência disto, segundo Bock (2000) é a instauração de uma lógica meritocrática, responsabilizando exclusivamente os indivíduos pelo sucesso ou pelo fracasso frente aos seus objetivos previstos. No entanto, a autora ressalta que, o discurso liberal é, em essência, falso porque não é suficiente apenas o empenho de cada um isoladamente, mas também são necessárias condições mínimas e iguais para todos os envolvidos. Contudo, tais condições não existem na sociedade de classes e isto se refletirá de maneira determinante na escola e nas histórias de fracasso escolar.

2.1 Discussão e levantamento literário acerca do fracasso escolar

O fracasso escolar é um fenômeno complexo e se refere a múltiplas questões que provocam o baixo desempenho do aluno nas instituições escolares, que desencadeiam repetências e até interrupção dos seus estudos. Marchesi e Pérez (2004) dizem que o fracasso

[...] se refere àqueles alunos que, ao finalizar sua permanência na escola, não alcançaram os conhecimentos e as habilidades consideradas necessárias para desempenhar-se de forma satisfatória na vida social e profissional ou prosseguir seus estudos (MARCHESI; PÉREZ, 2004, p.17).

É comum que a escola, principal espaço onde se travam os conflitos referentes ao fracasso escolar, atribua a culpa deste acontecimento a fatores estranhos a ela mesma, se eximindo de suas responsabilidades neste processo. Patto (1993) destaca que as explicações sempre esbarram no problema dos alunos advindos de classes sociais menos favorecidas, como principal causa da evasão escolar e, conseqüentemente, contribuindo para os altos índices apresentados em torno do fracasso escolar, esquecendo de todo o contexto no qual o aluno está inserido.

Dentre as figuras centrais deste processo estão os professores, já que são os profissionais responsáveis pela educação escolar daqueles ingressantes nas instituições de ensino. Existem professores despreparados e desmotivados para o ensino de alunos que apresentam certas dificuldades de aprendizagem e que as condições da escola, sejam elas de cunho funcional ou estrutural, também acabam colaborando.

Por isso é necessário que os profissionais ligados à educação voltem sua atenção para a responsabilidade da instituição de ensino na produção das histórias de fracasso, em que a organização e o funcionamento das escolas podem provocar maior ou menor êxito entre seus

alunos. Estes são os chamados fatores intraescolares, como o currículo, os programas, o planejamento e, evidentemente, o trabalho desenvolvido pelo professor dentro da sala de aula. Podemos destacar que, infelizmente, podem acontecer situações dentro do contexto escolar, como conteúdos mal distribuídos e ensinados, estranhos à vida cotidiana dos alunos e que causam seu desinteresse, contribuindo para o aumento significativo do fracasso escolar. Sobre isso, Patto (1993, p.121) assevera que

[...] os currículos escolares são planejados partindo do pressuposto de que a criança já domina certos conceitos elementares, que são pré-requisitos para a aprendizagem. Isso pode ser verdadeiro para aquela que, na família, aprendeu esses conceitos; mas não o é para as que vivem em ambientes culturalmente pobres quanto a conteúdos, que são típicos das classes economicamente favorecidas, embora ricos em aspectos que a escola não costuma valorizar.

A literatura sobre o tema afirma, portanto, que apenas uma análise das multideterminações do fracasso levaria a uma avaliação mais profunda e a uma busca por soluções para cada caso em particular. Isto significa reconhecer a responsabilidade também da escola com seus métodos, avaliações, conteúdos disciplinares, estrutura organizacional, seriação, etc. No caso dos conteúdos e procedimentos de ensino, (CECCON E OLIVEIRA, 1982, p. 66) apontam que

os exercícios escolares são, quase sempre, feitos em torno de problemas que não existem na vida real. Quando a professora faz uma pergunta, ela já sabe a resposta e só aceita como resposta certa isso que ela já sabe. A escola não ajuda os alunos a resolver problemas concretos, problemas que eles realmente entendem e para os quais estejam interessados em procurar a solução.

Esta maneira de proceder no cotidiano escolar apenas favorece para que alunos, por motivos extraescolares, se afastem mais ainda das questões escolares propriamente ditas. A sociedade atual busca êxito na educação e faz desta uma bandeira nas lutas populares. Um caso exemplar são as necessárias avaliações institucionais. Tais avaliações revelam em seus índices, ano após ano, melhoras significativas dos rendimentos dos alunos brasileiros e das escolas como um todo. Contudo, os profissionais que atuam diretamente com a educação, em especial os professores, costumam a notar tais melhorias nas relações concretas dentro da escola, em especial na qualidade das aprendizagens dos alunos, que parecem não corresponder aos tais índices de desenvolvimento da educação. Ciente da necessidade de critérios de qualidade consistentes para a educação brasileira, Mello (1983) questiona o verdadeiro sentido de tais avaliações e as relaciona com a questão do fracasso escolar:

[...] Sua natureza e qualidade são de teor tal que contribuem para o fracasso escolar das crianças de origem social e econômica desfavorecida, ainda que grande parte desse fracasso se deva sem dúvida à pobreza material da qual essas crianças são vítimas. Nesse sentido, essas condições escolares contribuem para reproduzir a desigualdade social, por meio de um duplo mecanismo: o primeiro de exclusão dos mais pobres da escola, o segundo a legitimação dessa exclusão na medida em que o parecer apenas técnico do modo de operar da escola dissimula seu sentido político. (MELLO, 1983, p. 78).

Este é um exemplo de política pública que, em tese, vem para colaborar com a qualidade do trabalho pedagógico nas escolas, mas que, na sua aplicação, acaba por fazer justamente o contrário: apenas agravam casos de fracasso que já existem e favorecem o surgimento de outros em cada escola particularmente. Enquanto isso as desigualdades, as diferenças de qualidade de vida ficam a parte das análises sobre uma educação positiva dentro das instituições e que contribua para a formação de um sujeito crítico, respeitando suas ideias, seus valores e condutas.

Alguns autores procuraram propor alternativas críticas de avaliação e intervenção sobre a questão do fracasso escolar. Este é o caso de Tanamachi e Meira (2003, p. 45), que afirmam que o professor precisa mudar sua postura pedagógica diante das situações de não aprendizagem, pois “não se pode verdadeiramente ensinar se não se considerar como o aluno aprende, ou ainda, porque não aprende.” Para se chegar a determinado coeficiente é necessário compreender o desenvolvimento humano e suas articulações com a concreticidade das histórias de vida dos sujeitos.

É preciso reforçar a sala de aula como o ambiente onde realmente acontece a educação sistematizada, pois ela é o lugar onde os alunos e os professores se encontram com esta finalidade específica. Segundo Duarte (1993), a escola possui um papel fundamental na formação da individualidade humana, uma vez que as práticas pedagógicas enriquecem os alunos através do conhecimento adquirido das mais variadas forma durante a formação do sujeito.

Portanto, para entender e intervir positivamente nas situações de fracasso escolar, o professor precisa estar ativo nesse processo de aprendizagem, livre de preconceitos e rótulos sobre estes alunos. Se ele souber das potencialidades que seus alunos possuem, poderá desenvolver meios que irão contribuir para o seu aprendizado, permitindo que estes “se desenvolvam à medida em que os ensina e os educa, o que poderá contribuir para a reversão dos processos de produção do fracasso escolar” (Tanamachi; Meira, 2003, p.47).

3 Aspectos Metodológicos

O fracasso escolar, por ser um fenômeno multideterminado, resulta de histórias escolares e de vida complexas, cheias de meandros e lacunas que nem todos os envolvidos conhecem, torna-se assunto profícuo para a realização deste tipo de pesquisa qualitativa, em forma de estudo de caso. O primeiro procedimento de coleta utilizado na pesquisa foi a observação – análise holística - na escola e nos domicílios do corpo discente, com registro de suas ações previamente elaborado. Utilizou-se também, num segundo momento, o procedimento de entrevistas semiestruturadas, registradas em gravações de áudio, também previamente planejado. Segundo Moreira e Caleffe (2006, p.169)

ao usar a entrevista semiestruturada, é possível exercer um certo tipo de controle sobre a conversação, embora se permita ao entrevistado alguma liberdade. Ela também oferece uma oportunidade para esclarecer qualquer tipo de resposta quando for necessário.

O professor precisa também estar ciente da sua importância dentro do contexto escolar, aguçando a curiosidade dos estudantes, conduzindo as aulas de um modo questionador e garantindo ao aluno condições para ser sujeito ativo e pensante nesse processo. Trazendo essas concepções para os contextos analisados nesta pesquisa – auxiliados pelos questionários e entrevistas semiestruturadas com o corpo docente -, podemos observar que nem sempre isso acontece, principalmente com os alunos que manifestam dificuldades em aprender, o que acaba desencadeando no fracasso escolar. É comum que estes profissionais apontem outros fatores alheios ao seu trabalho, que acreditam serem as causas determinantes dos problemas.

3.1 Estudo de caso: escola da zona rural do município de Ponta Grossa-PR

Os sujeitos da pesquisa em questão foram alunos do 5º ano do ensino fundamental que passavam por situações de fracasso escolar. Possibilitou-se acompanhar os relatos e as angústias de professores, alunos e famílias acerca das dificuldades atribuídas aos alunos, presentes no cotidiano dos sujeitos envolvidos. Foi dentro do contexto escolar que tornou-se possível selecionar os casos e realizar as observações e entrevistas com os professores, pais e, sobretudo, os alunos pesquisados. O fator mais importante da pesquisa consiste em avaliar e diagnosticar o fracasso destas crianças de maneira contextualizada, visto que “a educação

nessa perspectiva, durante o processo de ensino-aprendizagem, deve tomar como referência toda a experiência de vida do aluno” (MARQUES; OLIVEIRA, 2005, p.54).

4. Resultados e discussões

A partir da sistematização dos dados coletados nas entrevistas e observações, organiza-se a discussão sobre o tema em três categorias básicas, que evidentemente se misturam nas falas dos sujeitos: professor, família e aluno. Diante deste contexto, a pesquisa permitiu ponderar os dados, conforme mostra a Figura 1, a seguir:

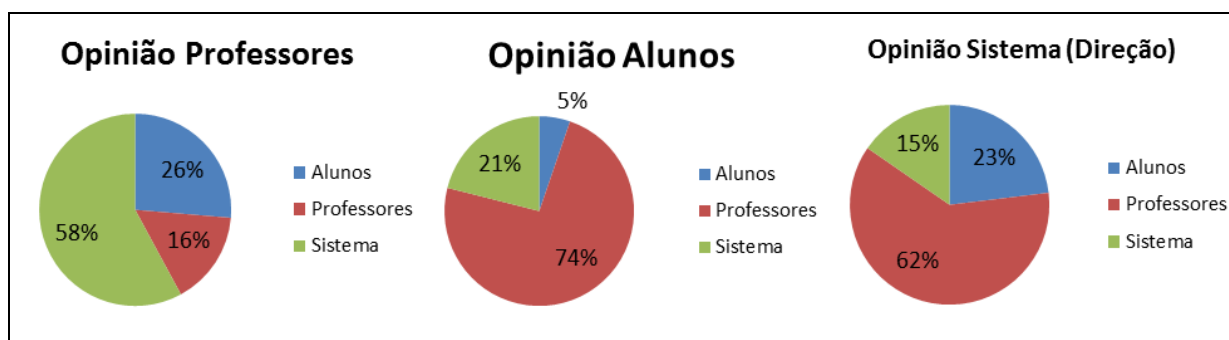


Figura 1 – Dados coletados a partir das entrevistas na escola – opinião dos envolvidos sobre fracasso escolar
Fonte: Dados da pesquisa (2012).

Como é possível perceber, as ideias e “julgamentos” acerca do fracasso escolar ainda é tomado de maneira difusa, onde os envolvidos – no caso da pesquisa na escola rural, visou a opinião do corpo docente e discente, além do sistema educativo, representados pela direção da escola – tentam achar o foco principal do problema, designando-o aos demais envolvidos. O papel da escola, em dado momento, tomou como característica uma fragmentação dos envolvidos, onde poderiam utilizar o diálogo e união entre os setores para a resolução dos problemas mais graves obtidos. Vale ressaltar que juntamente com a opinião dos alunos, foi possível também analisar as opiniões provenientes dos pais ou responsáveis do corpo discente, abrangendo o campo de pesquisa, no intuito de mapear as divergências encontradas de forma ampla.

A escola exerce um papel fundamental na formação dos cidadãos, mas sozinha não poderá desempenhar de forma significativa sua principal função. Ela precisa do apoio constante do conjunto presente na sociedade. Segundo Marchesi e Pérez (2004, p.29), “a

participação de instituições públicas, associações cívicas e organizações não governamentais na ação educacional deve ser um eixo permanente na gestão da educação”.

O que vem acontecendo com grande gravidade é uma carência nos sistemas educacionais causados por inúmeros fatores, com efeitos negativos no rendimento dos alunos. A escassez de recursos que parece nunca deixar de atingir a educação em nosso país, causada pelas precárias políticas públicas, causa grande indignação entre o corpo docente, sendo que, a organização da categoria profissional, juntamente com múltiplos fatores determinantes, reside as reais possibilidades de mudanças desta realidade conjuntural geradora de fracasso escolar. Nas condições observadas da pesquisa, o professor fala, aplica a disciplina ou conteúdo, enquanto o aluno ouve, apenas; o aluno tem que ficar em silêncio enquanto o professor movimentava-se pela sala; ao aluno resta ficar sentado, só ouvindo. O porém consiste em que: o professor não pode esquecer que o aluno está em processo de aprendizagem constante e que o conhecimento não pode ser algo alheio ao aluno, que deve fazer parte da sua realidade. Após a pesquisa, é possível ressaltar Freire (2005), quando enfatiza que o professor conduz seu aluno de forma mecânica, e o aluno passa a ser só um ouvinte, e que o conhecimento seja apenas assimilado, memorizado. Deste modo o aluno apenas recebe, não questiona, não se posiciona, tornando-se apenas “depósitos de conhecimentos” que o professor vai apenas distribuindo seu “conteúdo”.

5. Considerações Finais

A postura correta da escola seria, então, a de valorizar os muitos momentos que a criança tem lá dentro como oportunidades decisivas de humanização dessas crianças pela educação que não tem acesso em outros espaços (MARTINS, 2009). No que se refere mais diretamente aos alunos, nada mais desmotivador que, dentro do contexto escolar ficar submetidos a um conjunto de regras são impostas de uma maneira nada democrática, que pode nas suas descobertas e, conseqüentemente, no seu aprendizado, impossibilitando as trocas de experiências que podem ser adquiridas por meio das brincadeiras, da curiosidade, do conhecimento, dos sentimentos, e demais fatores ideológicos. São as ações negativas que contribuem significativamente para a baixa motivação dos alunos inseridos dentro do contexto escolar. Segundo Marchesi e Pérez (2004, p.28), “a principal causa mais importante do fracasso escolar dos alunos é a falta de interesse”.

Durante a pesquisa acerca do fracasso escolar é perceptível que esse assunto já vem sendo discutido ao longo do tempo, desde o surgimento da escola, onde se idealizava construir uma escola para todos os cidadãos (meta que até hoje se almeja conquistar a nível nacional), com um ensino universalizado e de seriação rígida. Foi durante as observações que possibilitou comprovar que existem inúmeros fatores que contribuem para o surgimento do fracasso escolar. A ciência por várias vezes tentou explicar os principais fatores que o desencadeia, causas apontadas como orgânicas, afetivas, culturais, psicológicas, entre outros fatores, em geral incorrendo em concepções naturalizantes, individualizantes e patologizantes dos escolares. Apesar disso, o professor ainda é peça fundamental na descoberta e no encaminhamento do aluno, para que ele venha a aprender de forma significativa. É ele que, na escola, vai atuar nos processos de desenvolvimento de todos os alunos que estão sob sua responsabilidade, especialmente daqueles alunos que apresentam maiores dificuldades. Ao professor cabe criar meios e expectativas para o crescimento do seu aluno, buscando intervir ativamente neste processo.

Alguns questionamentos permitem pensar que o professor deve sempre atualizar a sua prática docente, rebuscando assim aspectos clássicos educacionais, como em Vigotski (1977), citado por Tanamachi e Meira (2003, p.48), quando registra que: o ensino não deve estar “a reboque” do desenvolvimento. Ao contrário, um processo de aprendizagem adequadamente organizado é capaz de ativar processos de desenvolvimento, o que se faz mais verdadeiro e necessário no caso das histórias de produção social de fracasso escolar.

REFERÊNCIAS

BICUDO, N. A. C. **Fracasso Escolar**: uma síntese das primeiras leituras. Disponível em: <www.ppe.uem.br>. Acesso em: 14 abr. 2013.

BOCK, A. M. B. As influências do Barão de Münchhausen na Psicologia da Educação. In: ROCHA, M. L.; M. P. R.; TANAMACHI, E. R. (Orgs.). **Psicologia e Educação**: desafios teórico-práticos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

CECCON, C. OLIVEIRA, M. D. OLIVEIRA, R. D. **A Vida na Escola e a Escola da Vida**. 11. Ed. Petrópolis, RJ: Editoras Vozes, 1982.

CHARLOT, B. O “fracasso escolar”: um objeto de pesquisa inencontrável. In: CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

DUARTE, N. **A individualidade para si**: Contribuições a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas: Autores Associados, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LUDKE, M. O professor, seu saber e sua pesquisa. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 22, n. 74, p. 77-96, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 jul. 2008.

MARCHESI, Álvaro; PÉREZ, Eva María. A Compreensão do Fracasso Escolar. In: MARCHESI, Álvaro; GIL, Carlos Hernández & Colaboradores. **Fracasso Escolar: uma perspectiva multicultural**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 17-33.

MARQUES, L. P.; OLIVEIRA, S. P. P. Paulo Freire e Vygotsky: reflexões sobre a educação. In: **V COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE**. Recife, s.l., set. 2005.

MARTINS, L. M. Relação escola-família: reflexão no âmbito da educação infantil. **Amazônida: Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas**, ano 13, n. 1, 2009.

MELLO, Guiomar N. **Magistério de Primeiro Grau: da competência técnica ao compromisso político**. 3ª ed. São Paulo: Autores Associados, 1983.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1993.

TANAMACHI, E. R.; MEIRA, M. E. M. A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em Psicologia e Educação. In: MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. A. (Orgs.). **Psicologia Escolar: práticas críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.